

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**REITOR** JAIME ARTURO RAMÍREZ

**VICE-REITORA** SANDRA REGINA GOULART ALMEIDA

**EDITORA UFMG**

**DIRETOR** WANDER MELO MIRANDA

**VICE-DIRETOR** ROBERTO ALEXANDRE DO CARMO SAID

**CONSELHO EDITORIAL**

WANDER MELO MIRANDA (PRESIDENTE)

DANIELLE CARDOSO DE MENEZES

EDUARDO DE CAMPOS VALADARES

ÉLDER ANTÔNIO SOUSA PAIVA

FAUSTO BORÉM

FLAVIO DE LEMOS CARSALADE

MARIA CRISTINA SOARES DE GOUVÊA

ROBERTO ALEXANDRE DO CARMO SAID

**COORDENAÇÃO EDITORIAL** MICHEL GANNAM

**ASSISTÊNCIA EDITORIAL** ELIANE SOUSA

**DIREITOS AUTORAIS** MARIA MARGARETH DE LIMA E RENATO FERNANDES

**COORDENAÇÃO DE TEXTOS** MARIA DO CARMO LEITE RIBEIRO

**PREPARAÇÃO DE TEXTOS** CAMILA FIGUEIREDO

**REVISÃO DE PROVAS** TALITA CORRÊA E FLAVIANA CORREIA

**PROJETO GRÁFICO E CAPA** FERNANDA MONTE-MÓR

**FORMATAÇÃO** FERNANDA MONTE-MÓR E CAROLINE GISCHESKI

**PRODUÇÃO GRÁFICA** WARREN MARILAC

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO** IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

**EDITORA UFMG**

AV. ANTÔNIO CARLOS, 6.627 – CAD II / BLOCO III

CAMPUS PAMPULHA – 31270-901 – BELO HORIZONTE/MG

TEL: + 55 31 3409-4650 – FAX: + 55 31 3409-4768

WWW.EDITORAUFGM.COM.BR – EDITORA@UFMG.BR

CADERNOS TEMÁTICOS  
JUVENTUDE BRASILEIRA E ENSINO MÉDIO

ORGANIZADORAS  
LICÍNIA MARIA CORREA, MARIA ZENAIDE ALVES  
E CARLA LINHARES MAIA

# ● CULTURAS JUVENIS E TECNOLOGIAS

JULIANA BATISTA DOS REIS  
RODRIGO EDNILSON DE JESUS

BELO HORIZONTE  
EDITORA UFMG  
2014

© 2014, OS AUTORES

© 2014, EDITORA UFMG

ESTE LIVRO OU PARTE DELE NÃO PODE SER REPRODUZIDO

POR QUALQUER MEIO SEM AUTORIZAÇÃO ESCRITA DO EDITOR.

C122 Cadernos temáticos : juventude brasileira e Ensino Médio / Licinia Maria Correa, Maria Zenaide Alves, Carla Linhares Maia, organizadoras. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

14 v. : il.

Inclui bibliografia.

Caderno 1. Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes brasileiras / Carla Linhares Maia, Licinia Maria Correa – Caderno 2. O Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas / Helen Cristina do Carmo, Licinia Maria Correa – Caderno 3. Os jovens e a escola / Geraldo Leão, Helen Cristina do Carmo – Caderno 4. Culturas juvenis e tecnologias / Juliana Batista dos Reis, Rodrigo Ednilson de Jesus – Caderno 5. Juventude e projetos de futuro / Sara Villas, Symaira Nonato – Caderno 6. Juventude e trabalho / Geraldo Leão, Symaira Nonato – Caderno 7. Juventude, indisciplina e regras escolares / Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, Sara Villas – Caderno 8. Juventudes, sexualidades e relações de gênero / Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, Anna Claudia Eutrópio B. d'Andrea – Caderno 9. Juventudes e territórios: o campo e a cidade / Maria Zenaide Alves, Igor Oliveira – Caderno 10. Juventude e diversidade étnico-racial / Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Batista dos Reis – Caderno 11. Juventudes e participação política / Igor Oliveira, Catherine Hermont – Caderno 12. Estratégias metodológicas de trabalho com jovens / Maria Zenaide Alves, Catherine Hermont – Caderno 13. Juventude, drogas e redução de danos / André Geraldo Ribeiro Diniz, Isabela Saraiva de Queiroz, Paulo Henrique de Queiroz Nogueira – Caderno 14. Propostas de rodas de diálogo: atividades e oficinas / coordenadora: Shirlei Rezende Sales; colaboradores: Aline Gonçalves Ferreira ... [et al.]

ISBN: 978-85-423-0113-7

1. Juventude. 2. Juventude – Aspectos sociais. 3. Educação. I. Correa, Licinia Maria. II. Alves, Maria Zenaide. III. Maia, Carla Linhares.

CDD: 305.23

CDU: 301.16

## CADERNOS DESTA COLEÇÃO

---

### APRESENTAÇÃO

*Licinia Maria Correa*

*Maria Zenaide Alves*

*Carla Linhares Maia*

### VER, OUVIR E REGISTRAR:

COMPONDO UM MOSAICO DAS

JUVENTUDES BRASILEIRAS

*Carla Linhares Maia*

*Licinia Maria Correa*

### ◆ O ENSINO MÉDIO NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

*Helen Cristina do Carmo*

*Licinia Maria Correa*

### ◆ OS JOVENS E A ESCOLA

*Geraldo Leão*

*Helen Cristina do Carmo*

### ● CULTURAS JUVENIS E TECNOLOGIAS

*Juliana Batista dos Reis*

*Rodrigo Ednilson de Jesus*

### ● JUVENTUDE E PROJETOS DE FUTURO

*Sara Villas*

*Symaira Nonato*

### ■ JUVENTUDE E TRABALHO

*Geraldo Leão*

*Symaira Nonato*

### ◆ JUVENTUDE, INDISCIPLINA E REGRAS ESCOLARES

*Paulo Henrique de Queiroz Nogueira*

*Sara Villas*

### ▲ JUVENTUDES, SEXUALIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO

*Paulo Henrique de Queiroz Nogueira*

*Anna Claudia Eutrópio B. d'Andrea*

### ▼ JUVENTUDES E TERRITÓRIOS: O CAMPO E A CIDADE

*Maria Zenaide Alves*

*Igor Oliveira*

● JUVENTUDE E DIVERSIDADE  
ÉTNICO-RACIAL

*Rodrigo Ednilson de Jesus*

*Juliana Batista dos Reis*

● JUVENTUDES E  
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

*Igor Oliveira*

*Catherine Hermont*

● ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS  
DE TRABALHO COM JOVENS

*Maria Zenaide Alves*

*Catherine Hermont*

■ JUVENTUDES, DROGAS  
E REDUÇÃO DE DANOS

*André Geraldo Ribeiro Diniz*

*Isabela Saraiva de Queiroz*

*Paulo Henrique de Queiroz Nogueira*

▼ PROPOSTAS DE RODAS  
DE DIÁLOGO: ATIVIDADES  
E OFICINAS

*Coordenadora:*

*Shirlei Rezende Sales*

*Colaboradores:*

*Aline Gonçalves Ferreira,*

*Camila Said, Douglas Resende,*

*Francielle Vargas,*

*Henrique Cosenza,*

*João Perdigão, Michel*

*Montandon, Silvia Amélia*

*Nogueira de Souza*

## / APRESENTAÇÃO

Caro leitor,<sup>1</sup>

Você está recebendo a coletânea *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Estes cadernos foram elaborados, primordialmente, como referencial didático-metodológico produzido para o curso de atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador – JUBEMI, ministrado durante os anos de 2012 e 2013 para professores das redes estaduais de ensino participantes do Programa Ensino Médio Inovador.

O curso constitui-se em uma das ações do projeto Diálogos com o Ensino Médio, desenvolvido pelo Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e pelo Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense – UFF, em parceria com o Ministério da Educação.

Nosso principal desafio foi oferecer a professores de todo o país instrumental teórico, metodológico, didático

e pedagógico que lhes permitisse dialogar com a diversidade juvenil, principalmente com as juventudes que estão imersas no cotidiano de suas escolas.

Nesse sentido, o objetivo principal na elaboração deste material é fornecer subsídios para que professores do Ensino Médio e licenciandos possam refletir sobre essa etapa de ensino e, mais especificamente, sobre os temas que remetem aos sujeitos, jovens alunos com os quais atuam ou atuarão. A experiência de construção e utilização do material didático durante o curso Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador mostrou-se profícua e assertiva, sendo referendada por professores cursistas, professores tutores e formadores. O êxito do processo formativo e as avaliações positivas por parte dos professores cursistas estimularam nosso desejo de que esse material chegasse até você e fosse compartilhado com professores que atuam diretamente junto aos jovens. A publicação deste material didático em formato impresso traduz e concretiza nosso desejo.

A coletânea foi elaborada em formato de cadernos temáticos, com 13 cadernos referentes aos temas abordados nos módulos do curso e um caderno com propostas de atividades e oficinas que cada professor poderá desenvolver na escola, explorando os temas discutidos, que são:

1. Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes brasileiras;
2. O Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas;
3. Os jovens e a escola;
4. Culturas juvenis e tecnologias;
5. Juventude e projetos de futuro;
6. Juventude e trabalho;
7. Juventude, indisciplina e regras escolares;
8. Juventudes, sexualidades e relações de gênero;
9. Juventudes e territórios: o campo e a cidade;
10. Juventude e diversidade étnico-racial;
11. Juventudes e participação política;
12. Estratégias metodológicas de trabalho com jovens;
13. Juventudes, drogas e redução de danos;
14. Propostas de rodas de diálogo: atividades e oficinas.

Os cadernos foram organizados por cores, cada cor tratando de uma temática desenvolvida no curso. Essa organização indica uma ordenação não hierárquica e não linear entre as temáticas e permite que você, leitor, possa ler os cadernos na ordem que escolher, construindo, assim, o seu percurso de leitura e reflexão. Desse modo, os cadernos temáticos são independentes e, ao mesmo

tempo, complementares. São independentes porque você pode começar sua leitura pelo tema que desejar ou necessitar. Complementares, porque um tema chama outro. Ou seja, nossa intenção foi produzir textos dialógicos, interativos e formativos. Os textos trazem sugestões de atividades para você realizar individualmente, com seus colegas e com seus jovens alunos.

As reflexões suscitadas em suas leituras podem ser aprofundadas com material complementar, disponível na internet, nos sites do *PORTAL EMDIÁLOGO* ([HTTP://WWW.EMDIÁLOGO.UFF.BR/](http://www.emdiologo.uff.br/)) E DO JUBEMI ([HTTP://WWW.OBSERVATORIO DAJUVENTUDE.UFMG.BR/JUBEMI](http://www.observatorio.dajuventude.ufmg.br/jubemi)). Assim, convidamos você, leitor, a compartilhar conhecimentos sobre os temas, questões, leituras e debates sobre o Ensino Médio, tendo como eixo orientador os jovens alunos, sujeitos do processo educativo que se desenvolve em sua escola.

*Licinia Maria Correa  
Maria Zenaide Alves  
Carla Linhares Maia*

---

## → NOTA

- 1 Para garantir uma melhor fluidez na leitura, as organizadoras desta publicação optaram por extinguir, em alguns casos, as distinções de gênero que se faziam presentes em muitos textos. As organizadoras, no entanto, reconhecem a importância e a pertinência de tais distinções.

*Juliana Batista dos Reis*  
*Rodrigo Ednilson de Jesus*

## / CULTURAS JUVENIS E TECNOLOGIAS

### → INICIANDO O MOSAICO

Caro leitor,

Aqui estamos para perceber outras peças, cores e nuances da juventude brasileira. São muitas as imagens em torno da ideia de juventude: uma fase da vida, uma determinada *faixa etária*, um *jeito de ser*. Há certa dificuldade em definir a categoria, pois a juventude se constrói ao mesmo tempo, com variadas condições sociais e diferentes tipos de representações. O Caderno *Os jovens e a escola* discute a fundo o conceito de juventude e nos faz perceber a importância de estarmos atentos às múltiplas condições da vida juvenil. Ou seja, há uma diversidade de situações sociais (diferenças da condição econômica), culturais (etnias e raças, gênero, sexualidade, identidades religiosas, valores etc.) e geográficas, entre outros aspectos, que cada jovem vivencia. Por isso é que apontamos, como

Juarez Dayrell, que “na realidade, não há tanto uma juventude e sim *jovens*, enquanto sujeitos que experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem”.<sup>1</sup>

Percebemos que, além de ser marcada pela *diversidade*, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela vem se modificando ao longo do tempo e nas diferentes sociedades. Focando-nos no contexto atual, atravessado pelo fenômeno da comunicação digital, precisamos compreender como as tecnologias da informação e comunicação (TICs) marcam as nossas relações sociais e, mais ainda, as interações e experiências juvenis.

Vamos juntos buscar perceber as escolas do Ensino Médio Inovador como espaço de expressão da diversidade das juventudes. Esse exercício demanda um esforço de nós professores para conhecermos e melhor compreendermos os jovens alunos. Daí a necessidade de relacionar as noções de juventude, suas caracterizações, atribuições e significados aos contextos socioculturais concretos de cada sociedade, de cada grupo social, de cada escola. Para ultrapassar imagens comuns e superficiais com as quais os jovens são representados pela mídia, pelo Estado e outras instituições, precisamos construir um *novo olhar* sobre esses sujeitos.

Nesse eixo temático, pretendemos, portanto, observar as atuais *culturas e expressões juvenis*, bem como as relações com as *tecnologias digitais*, principalmente a internet. Afinal, quem são os jovens

alunos e alunas da sua escola? Com o que se identificam? Eles participam de grupos culturais? Como se constroem os sujeitos e suas relações de *amizade, trabalho e escolarização*, atravessados pelo contexto de práticas e vivências com as novas tecnologias? Convidamos você para refletir.

Seja bem-vindo.

*Juliana e Rodrigo*

## Marcas das culturas juvenis

Começamos nossa conversa com a indicação do vídeo *Todos nós queremos ser jovens*<sup>2</sup> que apresenta várias imagens em torno dos jovens e mostra como as juventudes são diversas em função do tempo histórico, dos lugares e dos contextos sociais. Nesse vídeo, através de representações, percebemos a construção da juventude, desde a década de 1940 até os dias atuais.

Algumas marcas podem evidenciar mais fortemente expressões da vida juvenil. Tatuagens, *piercings*, pulseiras, bonés, colares, roupas estilizadas, calças largas ou justas, cabelos coloridos, cortes moicanos. E os MP3's, celulares, fones de ouvido, *tablets*, *note e netbooks*, dentre outros aparelhos eletrônicos que, geralmente, estão com eles?

Se estivermos considerando a pluralidade de maneiras e símbolos que representam e expressam a juventude, é porque há também variadas formas e lugares de construção de identidades juvenis. Para que compreendamos as diferenças e semelhanças, é preciso investigar as experiências que os sujeitos vivenciam em seu contexto social e os significados que atribuem a elas. Entretanto, há uma multiplicidade de experiências juvenis caracterizadas por novas linguagens, expressões corporais, apropriações da e na cidade,

práticas na internet e movimentos artístico-culturais que, algumas vezes, a escola e nós, professores, desconhecemos ou ignoramos. Em outras palavras, as dimensões simbólicas e expressivas da vida dos jovens precisam ser observadas como maneiras de comunicação, sociabilidade<sup>3</sup> e identidade entre eles.

Já perceberam como a música é uma importante norteadora de grupos e estilos juvenis? Hip-hop, rock, samba, pagode, forró, dentre tantos outros ritmos musicais. Marília Sposito, uma importante pesquisadora da juventude no Brasil, reflete sobre a centralidade da cultura na construção das identidades juvenis que possibilita “práticas coletivas e de interesses comuns, sobretudo em torno dos diferentes estilos musicais”.<sup>4</sup> Além da música, as danças, o grafite, os esportes e as tecnologias são importantes mediadores da construção de vivências de jovens.

A mídia geralmente identifica esses grupos como tribos.<sup>5</sup> Porém, aqui preferimos usar outro conceito: denominamos esse amplo universo de vivências como *culturas juvenis*, ou seja, práticas e espaços que possibilitam a demarcação de identidades entre os jovens, diferenciando-os, enquanto jovens, das crianças e dos adultos e, ainda, expressando adesão a um determinado estilo. Por isso, quando falamos em *culturas juvenis*, nos referimos a modos de vida específicos e

práticas habituais dos jovens, que expressam certos significados e valores tanto no âmbito das instituições quanto no âmbito da própria vida cotidiana.

Nesse contexto, muitos rapazes e garotas vão constituindo grupos de estilo e identidade – *rappers*, grafiteiros, funkeiros, pichadores, *punks*, sambistas, forrozeiros, entre muitos outros. Nesses grupos, partilham-se sentimentos de pertencimento e afirmação coletiva, com o entrelaçamento das dimensões afetiva, simbólica e estética. Além disso, muitas vezes, o espaço público das cidades possui uma dimensão socializadora para esses jovens que se apropriam das ruas e praças para encontros, interações afetivas ou mesmo como palco para a expressão da cultura que elaboram.

O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar sua identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, educadores ou patrões, mas sempre tendo-os como referência, os jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como jovens. As culturas juvenis, como expressões simbólicas da condição juvenil,<sup>6</sup> se manifestam na diversidade em que esta se constitui, ganhando visibilidade através dos mais diferentes estilos, que têm no corpo e no visual uma das suas marcas distintivas.

Nesse contexto, os grupos culturais ganham relevância. As pesquisas indicam que a adesão a um dos mais variados estilos existentes no meio popular ganha um papel significativo na vida dos jovens. De forma diferenciada, abre a eles a possibilidade de práticas, relações e símbolos por meio dos quais criam espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, o meio privilegiado pelo qual se introduzem na esfera pública. Para esses jovens, destituídos de experiências sociais e, portanto, impostos a uma identidade subalterna, o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção de uma autoestima e afirmação enquanto sujeitos, possibilitando-lhes identidades positivas. Ao mesmo tempo, é preciso enfatizar que as práticas culturais juvenis não são homogêneas e se orientam conforme os objetivos que as coletividades juvenis são capazes de processar, num contexto de múltiplas influências externas e interesses produzidos no interior de cada agrupamento específico. Em torno do mesmo estilo cultural, podem ocorrer práticas de delinquência, intolerância e agressividade, assim como outras, orientadas para a fruição saudável do tempo livre (lazer e entretenimento), ou ainda para a mobilização cidadã em torno da realização de ações solidárias.

Estudos da sociologia da juventude no Brasil também mostram que os jovens se apropriam das ruas, combinando encontros, circulando em grupos e conversando;<sup>7</sup> ao mesmo tempo, o espaço público é local de visibilidade, servindo como palco para que eventualmente apresentem suas danças e músicas:

Com efeito, designadamente entre jovens das camadas médias e inferiores, a rua fornece formas simbólicas de afirmação da cultura juvenil. (...) A rua é encarada como espaço mais “livre”, tanto em termos comerciais, tanto em termos de controle social.<sup>8</sup>

Dessa forma, os jovens colocam na cena pública marcas identitárias e saberes sobre a cidade, às vezes, considerados marginais ou ilegais. Ao mesmo tempo, as (re)significações nos usos dos espaços e equipamentos públicos configuram relações de proximidade e de distância entre os sujeitos, possibilitando competições entre grupos sociais que podem levar a novas segregações do espaço urbano.





## A cultura digital: importante dimensão das culturas juvenis

E o que as tecnologias da comunicação e informação (TICs) têm a ver com as culturas juvenis? É importante destacar que as possibilidades de interação e produção com as câmeras digitais, celulares, internet – ou seja, os produtos da chamada cultura digital – são expressão e fazem parte das culturas juvenis.

Diante de recursos tecnológicos e digitais que possibilitam maneiras de ser visto na internet, no ciberespaço<sup>11</sup> os jovens compartilham maneiras de ser e conviver. A internet parece se aproximar de uma nova configuração da *rua* como espaço mais aberto e acessível para as manifestações juvenis.

Em Belo Horizonte, por exemplo, debaixo de um conhecido viaduto do centro da cidade, um grupo de jovens envolvidos com a cultura hip-hop realiza, nas noites de sexta-feira, desde 2007, o “Duelo de MC’s”. Muitas das apresentações que acontecem ali – o duelo entre *rappers*, a dança *break*, os grafites – podem ser vistas no *YouTube*.

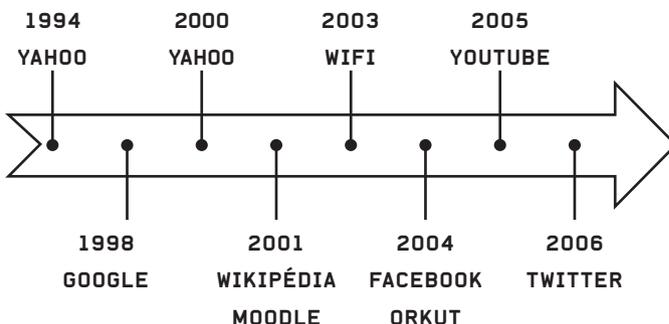
De maneira parecida, em Belém do Pará, tem-se a apresentação do *rapper* RAPadura cantando “Norte Nordeste me veste”.<sup>12</sup> As imagens do show são da festa de música negra – *Black Soul Samba* – que acontece toda sexta na casa de shows Palafita, localizado no centro histórico da cidade.

---

## AS DIVERSAS REDES SOCIAIS

O *Orkut* foi um dos sites de relacionamentos mais populares no Brasil. Em definição do próprio site: “O *orkut.com* é um website de comunidade on-line projetado para amigos. O principal objetivo do nosso serviço é tornar a sua vida social, e dos seus amigos, mais ativa e estimulante.” Já as comunidades no *Orkut* são uma espécie de grupo de discussão ou grupo de interesse em torno de determinado tema. O *Facebook* tem o mesmo tipo de configuração e é popular mundialmente. Atualmente, é a rede social digital mais usada no Brasil. Em 2011, ele ultrapassou o *Orkut* no número de usuários brasileiros. Já o *Myspace* e o *SoundCloud* são espaços predominantemente usados por grupos musicais e cantores, que possibilitam, além da rede social, a disponibilização de músicas, agenda de shows etc. O *Messenger* ou *MSN* foi um programa muito usado para a troca de mensagens instantâneas que permitia conversas em tempo real. Pelas caixas de diálogo, os usuários podiam, além de se comunicar teclando, compartilhar e visualizar fotos, trocar arquivos, conversar por voz (por microfone e câmera), dentre outros recursos. Entretanto, em 2013, os usuários tiveram que migrar suas contas para o *Skype*, outra plataforma de comunicação. O *Twitter* é uma espécie de microblog em que os usuários podem postar mensagens com até 130 caracteres. As contas dos usuários estão

interligadas e pode-se acompanhar o conteúdo postado a partir de uma lógica dessa rede, que se expressa pela ferramenta *follow*, por meio do qual é possível seguir todo o conteúdo publicado.



Muitas produções do universo da cultura juvenil são compartilhadas na *web*. Há inúmeras possibilidades *on-line* de mostrar as produções coletivas dos jovens, sejam elas espontâneas ou mais elaboradas: vídeos no *YouTube*, fotos no *Facebook* e no *Orkut*, músicas e áudios no *Myspace*. Em diferentes condições socioeconômicas e geoespaciais, grupos juvenis muito distintos estão interligados e integrados numa fórmula bastante comum referenciada em elementos da *web*. Amantes de mangás (histórias em quadrinhos

japonesas) e animes (desenhos animados japoneses) que se caracterizam eventualmente como personagens dos desenhos têm a internet como ambiente essencial para trocas. Grupos góticos também referenciam sua rede de relações em locais particulares da *web*, configurando *pedaços virtuais*<sup>13</sup> para denominar espaços na rede mundial de computadores com códigos particulares compreendidos e partilhados entre os membros da cena gótica.

Dessa forma, em diferentes plataformas e redes sociais, os jovens vão criando comunidades, (re)afirmando seus grupos de identidade e amizades. São muito comuns também aquelas comunidades que reúnem alunos de uma mesma turma de escola, grupos de música, dança ou esporte. São inúmeras as possibilidades de recorte para a construção das *comunidades*. Na plataforma, podemos (re)configurar o social e aglutinar pessoas aliadas por uma variedade de grupos de *status*, qualidades, preferências e gostos, ou por “comunidades” de um indivíduo só.

Nesse caso, precisamos compreender as particularidades dos modelos de socialização juvenil na época presente. O que tanto fazem os jovens na internet? Como se constroem ali? A internet, suas plataformas e recursos podem servir como suportes para a vida juvenil? Para responder a tudo isso, precisamos estar atentos às inúmeras possibilidades de comunicação no universo da cibercultura.<sup>14</sup>

A intensificação e a extensão da presença e do uso das novas tecnologias da comunicação e informação na contemporaneidade têm configurado o que alguns teóricos denominam como “novo estado da cultura”, o qual é “caracterizado sobretudo por uma ampliação dos lugares em que nos informamos, em que de alguma forma aprendemos a viver, a sentir e a pensar sobre nós mesmos”.<sup>15</sup> A atual configuração social pode ser vista, então, como uma “paisagem da informação” e compreendida como uma “condição cultural específica”.<sup>16</sup> Esse novo estado da cultura pode ser também denominado tecnocultura ou, no termo aqui adotado, cibercultura.

Um verso de uma canção de Zeca Baleiro diz: “Acessando a internet, você chega ao coração da humanidade inteira, sem tirar os pés do chão.”<sup>17</sup> A letra anuncia a potente força da rede mundial de computadores em estabelecer comunicação, obter e dar informações, inteirar e participar de acontecimentos de ordem local e mundial. Há muitos eventos e temas *globais* que mobilizam variadas manifestações na internet. Desde candidaturas eleitorais, como a do atual presidente norte-americano Barack Obama em 2008,<sup>18</sup> até os terremotos no Haiti em 2010, ou as recentes manifestações públicas no Egito pela saída do ditador Hosni Mubarak da presidência do país são exemplos de acontecimentos que movimentaram o universo *on-line*.

As vivências juvenis na *web* não são homogêneas e muito ainda precisa ser revelado sobre as dimensões

da rede mundial de computadores, as experiências construídas na interação com esses espaços e os sentidos atribuídos pelos jovens usuários às vivências na web. Há múltiplas possibilidades de orientação da vida, em que o uso das tecnologias age sobre as ações. Sendo assim, é preciso estar atento às apropriações juvenis e (re)significações dadas às tecnologias de informação e comunicação, nos aproximando das vivências juvenis cotidianas no ciberespaço. Símbolos compartilhados na rede de computadores geram significados minimamente partilhados e referenciam as atitudes e posturas das pessoas tanto quanto sinais e gestos do encontro físico.

Ao diferenciar os encontros na internet dos encontros face a face com as expressões *on-line* e *off-line*, corre-se o risco de criar uma separação ou isolamento inadequado entre as duas experiências. Por outro lado, expressões como *real* e *virtual* também não são adequadas, pois *virtual* pode ganhar o sentido de ilusório, uma interpretação equivocada quando pensamos o entrelaçamento entre as vivências face a face e aquelas intermediadas por computadores. O par real/virtual coloca em oposição esses termos. O que se verifica é que as interações ocorridas no universo dito virtual são bastante reais e, muitas vezes, se ajustam na sociabilidade face a face.

## Os jovens, a internet e a escola

Quem mexe com a internet fica bom em quase tudo,  
quem tem computador nem precisa de estudo,  
estudar pra quê?

*Banda Pato Fu*

O verso da música *Estudar pra quê?* do grupo Pato Fu ironiza uma compreensão recorrente no senso comum sobre um possível antagonismo nas relações entre escola e internet, as normas linguísticas escolares e a escrita abreviada da internet. Se partirmos dessa separação entre universo escolar e cibernético, as expressões e invenções juvenis em espaços exteriores à escola podem ser vistas como inadequadas, irrelevantes ou até contrárias à cultura escolar. Entretanto, como provocar o diálogo entre as expressividades culturais e os modos de participação juvenis com as práticas e tempos da cultura escolar hegemônica? A aproximação com espaços e práticas de sociabilidade dos jovens pode contribuir como referência para o trabalho pedagógico? Quais os desafios do encontro das culturas escolares e juvenis?

Podemos perceber a junção entre as experiências juvenis na escola e na internet em várias comunidades do *Orkut* ou grupos do *Facebook* que fazem referência





---

## ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS

Análises estatísticas apontam que a proporção de pessoas com acesso à *web* tem crescido consideravelmente no Brasil. As PNADs (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2005 a 2009 mostram que o acesso à internet teve um aumento de 112% em quatro anos. Segundo os dados, em 2009, 67,9 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade declararam ter usado a internet, o que representa um aumento de 12 milhões (21,5%) em relação a 2008.

É fato que os jovens acessam mais a internet que outras faixas etárias. É conveniente destacar que o percentual de pessoas que utilizaram a internet em 2009 foi mais elevado entre aqueles com idade entre 15 e 17 anos (71,1% das pessoas nessa faixa etária); seguidos por aqueles com idade entre 18 e 19 anos (68,7% das pessoas nessa faixa etária). Além disso, cabe enfatizar que a maioria das pessoas (83,2%) aponta que “comunicar com outras pessoas” é o principal motivo para o uso da internet, segundo a PNAD 2009. Porém, em 2005, a principal razão apontada era *educação ou aprendizado*, que caiu para o terceiro lugar em 2009, entre os objetivos do uso da rede.

---



---

## E O ENSINO MÉDIO INOVADOR?

Na medida em que o *Programa Ensino Médio Inovador* (ProEMI) busca fomentar propostas curriculares inovadoras nas escolas de Ensino Médio, é inevitável refletir sobre as novas tecnologias na contemporaneidade. Afinal, para construir um currículo dinâmico relacionado com as vivências juvenis, precisamos estar atentos às culturas juvenis e às tecnologias.

Os *Projetos de Reestruturação Curricular* de cada escola que integra o ProEMI podem desenvolver ações em diferentes formatos (oficinas, projetos interdisciplinares etc.) que devem contemplar os macrocampos predefinidos e a interação direta com os jovens estudantes. É interessante perceber que dois macrocampos, *Comunicação e uso de mídias* e *Cultura digital*, explicitam a temática das novas tecnologias.

## COMUNICAÇÃO E USO DE MÍDIAS

Esse macrocampo deverá desenvolver os processos relacionados à “educomunicação”, e as ações deverão orientar e propor vivências em espaços de atuação que permitam ao jovem acesso às diferentes mídias e tecnologias da informação e da comunicação, ampliando a compreensão de métodos, dinâmicas e técnicas. As atividades deverão possibilitar a criação de condições para a utilização de instrumentos e ferramentas disponíveis, de formas e



## → EXPLORANDO MATERIAIS

“O EMDiálogo é uma página eletrônica criada para estimular debates e socializar conhecimentos e experiências que contribuam para a melhoria do Ensino Médio público. O EMDiálogo tem como objetivo principal promover o diálogo crítico e propositivo sobre o Ensino Médio. Incentivamos que todas as pessoas que estejam envolvidas direta ou indiretamente, ou simplesmente interessadas nessa etapa de ensino, se expressem em nossos fóruns e registrem seus comentários. O portal abre espaço para a criação de comunidades autônomas. Que tal criar uma comunidade em torno de um tema de seu interesse? Não temos dúvidas de que outras pessoas também irão se interessar e chegar junto para animar a comunidade. Esporte? Leitura? Música? Estudos específicos? Participação estudantil? Games? Um clube de ciência? O que mais? Escreva e proponha a sua comunidade.”

“Juventudes Conectadas” é o nome de uma das comunidades do EMDiálogo, um interessante espaço para dialogar sobre as relações entre juventude, escola e internet.<sup>23</sup>

Como a escola e nós professores dialogamos com os grupos culturais, artísticos, esportivos e religiosos dos alunos? Conhecemos os espaços de vivência e aprendizado extraescolares dos jovens? Quais saberes eles possuem e constroem em outros contextos?

## → OUTRAS CORES



### JOVENS E TECNOLOGIAS

- “Web e redes sociais” é o tema da 18ª edição da *Revista Diversa* da Universidade Federal de Minas Gerais.<sup>24</sup>
- A *Revista Onda Jovem* de setembro/novembro de 2009 publicou um número intitulado “Nativos digitais” em que discute os desafios das escolas e dos processos educativos na era da internet.<sup>25</sup>
- O programa *Salto para o futuro* da TV Escola produziu duas séries que discutem as relações da cultura digital e a educação.<sup>26</sup>

### CULTURA DIGITAL E ESCOLA

O texto “Alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola”, de Elisabete Garbin, faz parte da série “Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio” (programa *Salto para o futuro*, da TV Escola). A autora nos apresenta algumas cenas que revelam relações entre a cultura escolar, as culturas juvenis e a cultura digital.<sup>27</sup>



## → NOTAS

- 1 DAYRELL, 2007, p. 4.
- 2 *We All Want to Be Young*. Produção: Box1824. Roteiro e direção: Lena Maciel, Lucas Liedke e Rony Rodrigues. Disponível em: <<http://vimeo.com/16641689>>.
- 3 A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir e vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade. Mas também pode ocorrer no interior das instituições, seja no trabalho ou na escola, na invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais. Enfim, podemos afirmar que a sociabilidade para os jovens parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade. A sociabilidade expressa uma dinâmica de relações que se desenvolve nos grupos de pares, preferencialmente nos espaços e tempos do lazer e da diversão, mas também presente nos espaços institucionais como na escola ou mesmo no trabalho. A turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude.
- 4 SPOSITO, 2000, p. 79.
- 5 Para uma discussão sobre o uso da expressão “tribos urbanas”, veja o texto do antropólogo José Guilherme Magnani, *Tribos urbanas: metáfora ou categoria?* Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos\\_de\\_campo/vol2\\_n2\\_1992/cadernos\\_de\\_campo\\_n2\\_48-51\\_1992.pdf](http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol2_n2_1992/cadernos_de_campo_n2_48-51_1992.pdf)>.

- 6 Condição refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade. Mas também se refere às circunstâncias necessárias para que se verifique essa maneira ou tal situação. Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes que se referem às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. Na análise, permite-se levar em conta tanto a dimensão simbólica como os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos nos quais a produção social da juventude se desenvolve.
- 7 SPOSITO, 1993.
- 8 PAIS, 2003, p. 117.
- 9 Disponível em: < <http://www.emdialogo.uff.br/node/3169>>.
- 10 Disponível em: < <http://www.emdialogo.uff.br/node/3185>>.
- 11 “Novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores (...) O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (LÉVY, 1999, p. 17.)
- 12 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5Agx380l-d8>>.
- 13 “A noção de ‘pedaço’, elaborada a partir de pesquisas em bairros de periferia, aponta para a existência de um espaço social que se situa entre a esfera da casa e a da rua. Com base em vínculos de vizinhança, de coleguismo, de procedência e de trabalho,

estabelece uma forma de sociabilidade mais aberta que a fundada em laços de família, porém menos formal e mais próxima do cotidiano que a ditada pelas normas abstratas e impessoais da sociedade mais ampla.” (MAGNANI, 1998, p. 63.)

- 14 Podemos dizer que a cibercultura ou a cultura digital é o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.
- 15 FISCHER, 1997, p. 62.
- 16 GREEN; BIGUM, 2003, p. 209.
- 17 Música “Kid Vinil” do disco *Por onde andar* Stephen Fry? (1997).
- 18 Variadas plataformas na web foram utilizadas em sua campanha, vídeos no *YouTube*, contas no *Twitter* e no *Facebook*. Seu lema de campanha *Yes, we can* [Sim, nós podemos] esteve entre as frases mais populares na web no período eleitoral.
- 19 REIS, 2009.
- 20 KAY *apud* NICOLACI-DA-COSTA, 2006.
- 21 Disponível em: <<http://www.cetic.br/>>.
- 22 Disponível em: <<http://www.cetic.br/educacao/2010/apresentacao-tic-educacao-2010.pdf>>.
- 23 Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/node/2983>>.
- 24 Disponível em: <[http://www.ufmg.br/diversa/18/diversa\\_18\\_agosto\\_2010.pdf](http://www.ufmg.br/diversa/18/diversa_18_agosto_2010.pdf)>.

- 25 Disponível em: <[http://www.ondajovem.com.br/acervo/16/at\\_download/file](http://www.ondajovem.com.br/acervo/16/at_download/file)>.
- 26 Para acessar os vídeos e textos, veja os links: <[http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=693:salto-para-o-futuro-serie-cibercultura-o-que-muda-na-educacao&catid=71:destaque](http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=693:salto-para-o-futuro-serie-cibercultura-o-que-muda-na-educacao&catid=71:destaque)>; <[http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=571:salto-para-o-futuro-serie-cultura-digital-e-escola&catid=71:destaque&Itemid=220](http://tvescola.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=571:salto-para-o-futuro-serie-cultura-digital-e-escola&catid=71:destaque&Itemid=220)>.
- 27 Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14250518-JuveEscoldoEM.pdf>>.

## → REFERÊNCIAS

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o funk e o hip-hop na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DAYRELL, Juarez. A escola faz juventudes?: reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 208-243.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAGNANI, José Guilherme. Transformações da cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, Alberto (Org.). *Sociedade global: cultura e religião*. Petrópolis: Vozes, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.

PAIS, José Machado. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

REIS, Juliana Batista. *A periferia está online? Vivências e sociabilidade(s) juvenis na Região Metropolitana de Belo Horizonte*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais).

Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

SPOSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*. Revista Sociologia da USP. São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 161-178, 1993.

SPOSITO, Marília P. Algumas hipóteses sobre as relações entre juventudes, movimentos sociais e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 13, p. 73-94, 2000.

## → SOBRE OS AUTORES

JULIANA BATISTA DOS REIS

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

RODRIGO EDNILSON DE JESUS

Doutor em Educação e professor da UFMG.

